

Sarney reúne Ministério no último Natal de seu Governo

Telefoto de Ricardo Stuckert

BRASÍLIA — Rápidos apertos de mão e não mais do que breves comentários sobre os resultados eleitorais marcaram, ontem, a quinta e última solenidade em que o Presidente José Sarney reuniu o seu Ministério para os cumprimentos de fim de ano. No mesmo cenário — o Salão Leste do Palácio do Planalto — e com o mesmo protocolo — os Ministros se revezavam, ao lado de Sarney, para apertar as mãos dos funcionários do segundo escalão —, apenas dois personagens permaneceram inalterados: o próprio Presidente e o Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que não foi afetado por nenhuma das muitas reformas ministeriais do Governo, desde 1985. O Ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, terminará o Governo no mesmo cargo em que foi empossado, mas passou um período como Governador do Distrito Federal.

O resultado das eleições do dia 17 não passou em branco na confraternização promovida por Sarney. O Ministério do Presidente ficou claramente dividido entre vencedores, derrotados e neutros. Antônio Carlos Magalhães declarou seu voto a Fernando Collor e não comentou as críticas disparadas por Collor a Sarney. Lula ganhou o voto dos Ministros dos Transportes, José Reynaldo Tavares, e do Trabalho, Dorothea Werneck. Carlos Sant'Anna, da Educação, disse que votou em branco e não gostou de ser identificado com o boicote dos donos de ônibus em Salvador, que, para ele, aconteceu mesmo. Jader Barbalho, da Previdência, não declarou o voto, mas se disse satisfeito com os resultados eleitorais.

Apesar das divergências, o compromisso comum de se manter ao lado do Presidente até o dia 15 de março, data que nenhum dos Ministros de Sarney admite publicamente antecipar, não impede, porém, que cada um deles concentre as atenções em seus próprios futuros. Se a grande maioria dos auxiliares sonha permanecer na política, conquistando ou renovando mandatos eletivos, o Ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, foi enfático ao garantir que encerrará, com o fim do mandato de Sarney, sua participação na administração pública.

— Sobre o futuro, eu só tenho uma certeza: quero manter distância do Governo — afirmou.



O Ministro Antônio Carlos Magalhães e o Presidente Sarney se cumprimentam

Ministro: Radicalismo preocupou militares

BELO HORIZONTE — O Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Octávio Moreira Lima, disse ontem que o acirramento da campanha eleitoral nas duas últimas semanas chegara a preocupar a área militar. Ele acrescentou que a vitória de Collor "silenciou os patrulheiros ideológicos e o próprio eleitorado foi capaz de evitar o caos".

— Em determinados momentos ficamos preocupados com o radicalismo e a truculência que assistimos. Mas a maioria silenciosa não se deixou intimidar pelos pregoeiros do caos — disse o Ministro.

Ele afirmou que a antecipação da posse para janeiro deve ser decidida por Fernando Collor de Mello e pelo Presidente da República, via Congresso Nacional. Moreira Lima garantiu ainda que a possibilidade de fusão dos Ministérios militares em um único, o da Defesa, não encontra resistência nas Forças Armadas.

— Essa questão ainda será discutida — disse.

Leônidas: Não à antecipação da posse

BRASÍLIA — O Ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves, afirmou ontem que a antecipação da posse do Presidente eleito poderá trazer "mudanças indesejáveis" ao País. Ao final da solenidade de entrega de espadas a cinco generais recém-promovidos, ele se opôs à antecipação e citou a proposta parlamentarista como uma alteração constitucional que não gostaria de ver implementada.

— Não se deve mudar a regra do jogo quando estamos consolidando a democracia — disse o General.

Para o Ministro do Exército, a convocação extraordinária do Congresso para definir a antecipação da posse "poderia não ficar só nisso" e incluiu a proposta parlamentarista como resultado previsível.

Ele garantiu seu apoio ao Presidente eleito e disse que não fora consultado sobre a escolha de seu sucessor no Ministério. E explicou que geralmente a escolha recai sobre o mais antigo, mas lembrou que no seu caso isto não aconteceu.

Ao fazer uma comparação entre o movimento militar de 1964 e o processo de redemocratização do País, o Ministro disse que "ambas foram gratificantes" e que participou dos dois momentos "pautado num desempenho profissional e pessoal tendo como referencial o Brasil". Ele justificou o golpe militar afirmando que "queriam transformar o País numa República sindicalista" e admitiu que "houve descaminhos", mas que num "balanço algébrico", os acertos foram maiores.

Segundo o General Leônidas, a eleição de Lula para a Presidência seria "uma interrogação" para o País. Ele disse que ficou preocupado depois que leu os 13 pontos do programa básico do candidato da Frente Brasil Popular.

— Achei que era voltar ao passado, para uma concepção que o mundo inteiro está abandonando. O monoclássismo representa apenas um segmento da sociedade e um País não pode ser dominado apenas por um segmento — justificou.